



ISSN 1981-9021 | n. 47 (2025)

Janeiro-Junho de 2025

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR

Todos os textos publicados na Geo UERJ são de acesso aberto distribuídos sob os termos da Licença Creative Commons BY-NC-SA 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença. ISSN 1981-9021 | n. 48 (2025)

EDITORIAL

Os editores

É com satisfação que anunciamos mais uma edição da **Geo UERJ**. O volume 48 do ano de 2025, bem como as publicações anteriores, celebra a diversidade da produção geográfica brasileira por meio de seus artigos, por meio de **21 artigos**. Mas, embora seja uma revista de Geografia, a **Geo UERJ** não se encerra nas análises espaciais da realidade. Searas afins, como a Economia, o Turismo e a Geologia, entre outras, têm buscado a revista enquanto periódico de excelência para a divulgação dos resultados de suas pesquisas. Embora essa afirmação aparente ser um autoelogio, o que, de certa forma, contribuiria para que sua validade pudesse ser contestada, indicamos, serenamente, que não se trata disso; pelo contrário. Explicaremos melhor a seguir.

Primeiramente, com os novos requisitos avaliativos instituídos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) — apresentados no editorial da edição 47, que, resumidamente, são: (i) análise bibliométrica do periódico em que o artigo foi publicado; (ii) análise quantitativa e qualitativa da difusão dos artigos e dos periódicos; (iii) avaliação qualitativa do próprio artigo, levando em conta sua contribuição teórica, metodológica e empírica para o avanço da área — e, a despeito das apreensões e críticas que compartilhamos com outros periódicos e seus editores sobre essa mudança, a Revista Geo UERJ tem investido em atender às novas diretrizes, proporcionando aos autores maior segurança e perspectiva de alcance de suas produções.

Em segundo lugar, cabe dizer que, hoje, a Geo UERJ tem caminhado para atender às diretrizes de indexadores internacionais, com o objetivo de contribuir ainda mais com a produção científica brasileira, expandindo seu raio de alcance e fortalecendo a internacionalização. Oportunamente, aproveitamos a ocasião para convidar os autores interessados a submeterem seus artigos em inglês e espanhol, desde já.

Embora as notícias da **Geo UERJ** sejam boas e nos animem, o semestre em que o volume 48 foi elaborado não foi feito somente de flores. Em que pese todo o esforço da **Geo UERJ**, cabe dizer que também cometemos equívocos e pedimos

desculpas por problemas gerados por atrasos de pareceristas, falhas na plataforma, entre outras questões. Mas o fato é que somos humanos e, de alguma forma, a rotina de uma revista que preza pelo rigor não está imune a pequenos deslizes, que, de nossa parte, são corrigidos o mais breve possível.

Com o mote acima — somos humanos, mesmo com o avanço da inteligência artificial, influenciando e interferindo, a partir deste ano, cada vez mais sobre as diferentes dimensões da vida, como na produção científica —, aproveitamos este editorial para reforçar que a **Geo UERJ** não se encontra isolada do contexto social e político, em suas diferentes escalas e circunstâncias, estruturais e conjunturais. Estas, direta e indiretamente, também afetam nossa rotina.

No último semestre, ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, infelizmente, a operação policial mais letal da história do Brasil. A operação sucedida no Complexo da Penha, na zona norte do Rio de Janeiro, foi uma prova definitiva de que a famosa “guerra às drogas”, praticada pelas forças policiais, precisa ser superada. As imagens de mais de 120 jovens pretos mortos, enfileirados na rua, intensamente noticiadas pela mídia nacional e internacional, atestam o desastre que significa esse tipo de abordagem policial.

Em decorrência da operação, todas as universidades e muitas escolas da cidade do Rio de Janeiro foram fechadas. O comércio, os transportes e o expediente de muitos estabelecimentos foram encerrados, evidenciando o desastre que são as gestões neoliberais sobre as cidades, nas quais a insegurança se espraia pelas mesmas forças que prometem proteção. Meses depois da operação, fica a pergunta: o que mudou, efetivamente? Deixamos o leitor com esta indagação.

Já no norte do Brasil, em Belém do Pará, o contexto foi outro. A cidade onde ocorreu a Cabanagem sediou a *COP30* — também conhecida como *Conferência das Partes* ou, mais precisamente, *Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas*. Entre as principais questões esteve a tentativa, por parte de cientistas, ativistas e alguns governos, de propor um acordo no qual os países pudessem estabelecer metas mais ambiciosas voltadas à redução do uso de combustíveis fósseis.

Entre os grupos e países com maior influência, notou-se que a União Europeia não teve protagonismo, a China se omitiu e os Estados Unidos, como era de se esperar, posicionaram-se contra qualquer medida.

Como balanço, infelizmente, o tema das mudanças climáticas não é mencionado em nenhum documento oficial. Entre os saldos aventados pelas nações e divulgados nos documentos finais, mais uma vez o financiamento climático surgiu como solução para o contexto ambiental que vivemos — dinâmica que tem preocupado cada vez mais pesquisadores e ativistas, já que esses eventos parecem ter servido, cada vez mais, para aprofundar o processo de financeirização da natureza.

Embora o histórico destes espaços não tenham ajudado a nutrir maiores expectativas, esperamos que, até a COP31, que será realizada na Turquia, sob a presidência da Austrália, a participação dos sujeitos coletivos de base, mais vulneráveis e afetados pelo cenário das mudanças climáticas, bem como das experiências sustentáveis de trabalhadores, ausentes de componentes lucrativos e marginais aos modelos hegemônicos de reprodução do capital, possa ter maior visibilidade e poder nesses espaços de decisão.

De uma forma ou de outra, os fenômenos da realidade, como os que foram supracitados, entre outros ocorridos no ano de 2025, não passam despercebidos pelos editores da **Geo UERJ**. Assim, em nome de nosso conselho editorial, de nossos avaliadores, autores e leitores, comprometemo-nos a não perder a sensibilidade e a manter nutrida a esperança por tempos de justiça social.

Aproveitem a leitura!

30 de dezembro de 2025